

Com o poeta Scott Edward Anderson "açoriano infiltrou-se em mim, e cá ficou"

idade e pertença. Fiquei especialmente curiosa quando descreveu como se sentiu ao chegar a São Miguel pela primeira vez, como se tivesse voltado 'a casa'. O que pensa que o levou a sentir-se assim? Foi a paisagem, o clima, o isolamento?

Sim, foi estranho. Senti-me como se já tivesse lá estado. No início, resisti a essa ideia, pensei que devia ser porque me fez lembrar outras ilhas que tivesse visitado ao longo dos anos por causa do meu trabalho nas áreas da conservação e das energias limpas: Caraíbas, América do Sul ou Ásia-Pacífico. Mas era mais do que isso; senti uma ressonância visceral dentro de mim, dentro do meu corpo. Sei que o meu corpo estava a responder ao ato de eu ter chegado a esse lugar, a essa ilha em particular. Senti uma energia dentro de mim, não sei se isso faz sentido. Claro, eu já tinha lá estado antes – a ilha estava no meu ADN.

Quando visitou as ilhas pela primeira vez, em 2018, resistiu a identificar-se como açoriano. Mas agora parece que já 'chegou' onde pretendia na busca da sua identidade. Pode falar sobre o conceito de saudade intergeracional e o que isso pode significar para si?

Achava que não merecia considerar-me "açoriano". Que direito tinha eu? Sou de terceira geração, apenas um quarto açoriano-português. Como poderia eu assumi-lo? Não cresci conhecendo a minha cultura açoriana. O meu avô (do ramo açoriano) nasceu na América e queria ser americano; o meu pai queria que fôssemos escoceses. No entanto, algum traço açoriano infiltrou-se em mim, e cá ficou. Senti-me libertado pela afirmação de Vitorino Nemésio quando disse que a "Açorianidade" chega além das ilhas, além da emigração, e eu então, estendo-a para dizer além das gerações.

Eu aprecio bem o conceito de saudade intergeracional que cunhou. Ando a pensar, já há algum tempo, sobre epigenética e no que se refere ao trauma intergeracional. Acho fascinante a pesquisa da Dra. Rachel Yehuda em Mt. Sinai aqui em Nova Iorque – a sua equipa estuda como o trauma é transferido por meio do ARN (ácido ribonucleico), e serve como um mensageiro para o ADN, controlando a expressão e a regulação do gene.

Especificamente, estou a pensar no trauma dos meus antepassados açorianos – os meus bisavós que partiram da ilha quando eram ainda adolescentes, em 1906, e nunca mais voltaram. Como devem ter-se sentido? E mesmo antes disso, na década de 1450, os seus antepassados saíram ou foram retirados do interior de Portugal continental e transferidos para essas ilhas remotas no meio do Atlântico? Nunca tinham visto o mar antes disso!

Parte dessa família, aqueles que eram judeus sefarditas ou cristãos-novos, e eu descobri que muitos deles o eram, foram perseguidos e forçados a converterem-se durante a Inquisição. Alguns até foram queimados na fogueira! Tanto trauma! Como é que isso pode não afetar a composição genética das gerações subsequentes? E, talvez, isso tenha expressão em mim, e em si e em qualquer um de nós que sinta desejo pelas nossas ilhas



ancestrais – por meio desse reconhecimento e dessa saudade intergeracional, desse desejo de restabelecer uma ligação, um desejo de coisas perdidas.

Vamos agora falar da língua portuguesa. Quando decidiu, e porque decidiu, aprender português? Quanto tempo levou para se sentir proficiente? E como mantém a proficiência quando mora principalmente nos Estados Unidos? Acha que a língua é um instrumento importante na busca da sua identidade portuguesa/açoriana?

Não sou proficiente de forma nenhuma – ao contrário, diria que o meu português é insuficiente! Para ser sincero, já venho tentando aprender português desde o tempo que comecei a pesquisar a minha herança açoriana. Pensava que a língua pudesse desbloquear alguma coisa em mim. Ainda estou a aprender e tenho muito mais a aprender. Leio bem, e estou a melhorar a minha compreensão oral, mas ainda acho difícil falar. Fico com a língua presa e as palavras não saem como eu quero, ou às vezes, penso primeiro na resposta em francês ou em alemão

Acredito que aprender a língua é essencial e estou determinado a fazê-lo. Comecei a traduzir um pouco de poesia para me ajudar a estudar português, e tive que aprender a ler para consultar algumas referências para o meu livro, *Os Outros Em Mim*, bem como para as minhas pesquisas sobre a minha genealogia familiar. Agora o meu grande desafio é traduzir *O Corsário das Ilhas* de Vitorino Nemésio, o seu diário de viagem aos Açores, porque até agora, não existe nenhuma tradução em inglês. Que escolha! Que desafio!

Escreveu este longo poema sobre a recuperação da sua identidade açoriana como uma suite musical. Adoro a ideia. Como surgiu e como se desenvolveu essa ideia?

O poema cresceu de forma orgânica. Como disse antes, comecei a escrevê-lo para resolver um problema que tinha com o meu livro de prosa. A poesia ajudou a que baixasse a guarda, a que me abrisse mais, a ser mais eu próprio do que poderia ser num livro de memórias históricas. Depois de escrever a abertura, enviei-a ao Onésimo Almeida, que tem sido como um padrinho para mim, e a vários escritores americanos açorianos, que viram algo nela, encorajando-me a prosseguir. O Onésimo levou aquela primeira seção para a

Gávea-Brown e encontrou um tradutor, José Francisco Costa. E pronto, depois disso, nunca mais parei.

Pensei utilizar o formato duma suite quase desde o início do projeto, o que requer quatro seções sobre temas relacionados, mas que são diferentes em tom e forma. Isso também levou-me a adicionar um "Prelúdio", que também serviu como dedicatória.

Também chama ao seu livro "Um poema do momento". Como decidiu quais seriam as quatro áreas centrais?

Depois dessa primeira seção, voltei-me para o poema sempre que precisava ou quando me sentia emocionado. O que descrevo no poema, quase como um diário, é o que estava a acontecer na minha vida "no momento" ou as dificuldades com que me debatia com a minha prosa ou a pesquisa sobre a minha herança. Tive amigos que faleceram, houve um furacão, continuava com o meu interesse pela conservação da natureza e as alterações climáticas, visitei as ilhas de novo, a pandemia, está tudo lá no poema – no fundo, representa a minha busca para entender o meu pensamento entre outubro de 2019 e meados de maio de 2020.

Decidiu publicar este livro como um poema bilingue. Como escolheu o poeta Eduardo Bettencourt Pinto para trabalhar consigo? Como é trabalhar com um co-tradutor?

Depois de receber o prémio pelo meu livro *Falling Up* das Letras Lavadas e da PEN Açores, falámos na possibilidade de traduzir esse livro, mas depois pensei que não tinha muito a ver mesmo com os Açores. O editor pediu-me para contribuir para uma antologia chamada Viagens, e eu enviei-lhes "Steerage", um capítulo do meu livro *The Others in Me*, sobre a travessia do oceano para a América que os meus bisavós fizeram em 1906. Então falei do poema, que já tinham lido na Gávea-Brown, e perguntei se estavam interessados em publicá-lo. Ficaram entusiasmados com a ideia e eu também.

Eu tinha interesse que o livro fosse uma edição bilingue. Achei importante porque assim a minha família nos Açores, aqueles que não lêem inglês, pudessem ter acesso ao livro – à minha carta de amor às ilhas. José Francisco tinha outros compromissos que o impediram de traduzir o livro completo. Então Onésimo apresentou-me ao poeta Eduardo Bettencourt Pinto – que eu tinha citado no poema! A sua afirmação de que há duas

maneiras de nascer numa ilha, "do corpo de uma mulher ou pelo fulgor da sensibilidade," comoveu-me muito. Fiquei a pensar que as nossas sensibilidades eram semelhantes.

Trabalhámos juntos na tradução durante boa parte dos meses de junho e julho, sempre por e-mail ou telefone. Eu fazia a tradução inicial e enviava ao Eduardo, que subsequentemente corrigia, refinava e polia o meu rascunho. E andávamos assim, para a frente e para trás, discutindo certas palavras e nuances. O nosso objetivo era tornar o poema que escrevi em inglês, num verdadeiro poema português, o que era importante para os dois. Foi realmente um prazer trabalhar com ele e sinto que foi uma verdadeira colaboração. Falámos ao telefone e acho que criámos uma amizade além da nossa colaboração. Também quisemos respeitar a contribuição de José Francisco e, embora tenhamos mudado algumas palavras ou frases dele, eu quis assegurar-me que também seria reconhecido.

Agora que já descobriu e recuperou a sua herança, sente-se menos estranho nos Estados Unidos?

Ah! Não tenho a certeza se algum dia me sentirei menos "estranho" – eu sou um estranho! Em contraste com muitos escritores americanos, não sou um académico e sempre trabalhei além de escrever; também nunca senti que "pertencia" completamente ao mundo laboral. Para dizer a verdade, estou em paz com isso – mesmo nos Açores sou um estrangeiro – sei que nunca serei considerado completamente açoriano. Mas não faz mal. Agora tenho uma boa noção a onde pertence – à comunidade de escritores que encontrei nos Açores, e na diáspora. E sinto-me bem com isso.

Está a cultivar um sentido de identidade açoriana nos seus filhos? O que é que eles acham da sua busca?

Senti muita pena de não poder levar os meus filhos aos Açores no verão passado, e tenho muita esperança de poder fazê-lo em breve. Eles estão a crescer rapidamente e a seguir em frente com as suas vidas, e com o tempo a passar, vai tornar-se mais difícil lá ir em família. Era para ter assistido à cerimónia de entrega do prémio do livro *Falling Up*, no mês de abril do ano passado e pretendia levar o meu filho mais velho comigo, mas enfim, tudo mudou com a pandemia.

Eles estão intrigados, mas claro, não estão tão envolvidos como eu. O facto de querer passar parte do ano lá certamente os ajudará a sentir uma ligação com as ilhas – contanto que eles me venham visitar! Eles ficaram surpresos com a informação que eu descobri nas minhas pesquisas – assim como eu também fiquei – e provavelmente acharam algumas das minhas descobertas perturbantes, como por exemplo, o que aprendi sobre a Inquisição. Os meus filhos são católicos devotos, que eles herdaram da sua mãe, mas a madrastra deles e os seus meios-irmãos são judeus, então isso enriqueceu um pouco a história, além de complicá-la.

Na maioria das vezes, eles provavelmente só pensam: "Lá vai o Pai outra vez, com uma das suas explorações malucas ..."